

A Estrutura tripartida da pessoa humana em Edith Stein: uma leitura de “A estrutura da pessoa humana”.

Rodrigo de Almeida Pimenta¹

Resumo

A antropologia filosófica de Edith Stein constitui uma das mais elaboradas tentativas de compreender a pessoa humana no século XX, articulando corpo, psique e espírito em uma unidade complexa e dinâmica. Este artigo aprofunda essa estrutura tripartida conforme apresentada em *A Estrutura da Pessoa Humana* (1933). A Fenomenologia fornece o método descritivo que permite a Stein reconstruir a pessoa a partir de suas vivências concretas, enquanto o contato com tradições espirituais e filosóficas amplia seu horizonte interpretativo. A partir de autores como Angela Ales Bello, Juvenal Savian Filho, Luiz Santana, Mariana Kusano, Adair Sberga, e outros, este trabalho aprofunda o contexto, as inspirações, as tensões internas e os desdobramentos formativos da antropologia steiniana. Ao final, argumenta-se que a estrutura tripartida de Stein permanece atual e relevante para debates contemporâneos sobre subjetividade, corporeidade, afetividade, liberdade, alteridade, espiritualidade e formação integral da pessoa.

Palavras-chave

Edith Stein; Fenomenologia, Antropologia, Educação; Formação.

Abstract

The philosophical anthropology of Edith Stein constitutes one of the most elaborate attempts to understand the human person in the twentieth century, articulating body, psyche, and spirit as a dynamic and integrated unity. This article analyzes this tripartite structure as developed in the work *The Structure of the Human Person* (1933), highlighting its phenomenological foundations and philosophical implications. Phenomenology provides the descriptive method that enables Stein to reconstruct the person based on concrete lived experiences, while dialogue with philosophical and spiritual traditions broadens the interpretative scope of her proposal. Drawing on interpreters such as Angela Ales Bello, Juvenal Savian Filho, Luiz Santana, Mariana Kusano, and Adair Sberga, this study deepens the contextual framework, influences, internal tensions, and the ethical and formative developments of Stein's anthropology. Finally, it argues that Stein's tripartite conception of the human person remains relevant and fruitful for contemporary debates

¹ ¹ Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduando em Filosofia pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Pesquisador na área de Antropologia Filosófica e Teológica e Teologia patristica. E-mail: rodrigopimenta535@gmail.com

on subjectivity, corporeality, affectivity, freedom, alterity, spirituality, and integral human formation.

1. Introdução

A obra de Edith Stein, no contexto da filosofia ocidental do século XX, representa uma convergência entre rigor fenomenológico, profundidade antropológica, sensibilidade ética e abertura espiritual. Sua biografia mulher, judia, discípula de Edmund Husserl, filósofa reconhecida no cenário acadêmico, convertida ao cristianismo, monja carmelita e mártir imprimem em sua produção escrita uma amplitude que ultrapassa os limites de qualquer disciplina isolada, em sua obra transita entre o debate contemporâneo, a metafísica clássica e a tradição mística cristã. Como observa Ales Bello, Stein soube “transformar a fenomenologia em um instrumento antropológico capaz de acolher todas as dimensões da vida humana” (Bello, 2014, p. 52).

Entre suas obras, *A Estrutura da Pessoa Humana* (1933) ocupa um lugar singular. Nela, Stein apresenta uma antropologia rigorosa que procura descrever a constituição essencial da pessoa a partir da análise fenomenológica de sua vida encarnada. Trata-se de um esforço sistemático para compreender o humano não como ente abstrato, mas como ser vivo que se manifesta corporalmente, sente afetivamente e decide espiritualmente. Essa abordagem revela a singularidade da proposta steiniana, ela não adere a reducionismos materialistas que equiparam a pessoa a um organismo mecânico, nem a reducionismos psicologistas que confundem subjetividade com estados internos, tampouco a idealismos espiritualistas que dissolvem a concretude da existência.

Stein representa uma continuidade da fenomenologia husserliana. Ela leva a sério a virada para a subjetividade viva e, percebe que a fenomenologia é chamada a tornar-se uma antropologia e ela faz isso preservando a fidelidade ao fenômeno vivido, respeitando a complexidade do humano sem esquematizá-lo.

A estrutura tripartida corpo, psique e espírito emerge, portanto, não como uma teoria pronta, mas como descoberta fenomenológica. O corpo aparece como chão encarnado e instrumento de expressão, a psique como espaço afetivo e o espírito como sede da liberdade e da responsabilidade. Stein considera que a pessoa não existe sem essas três dimensões articuladas.

Para desenvolver essa análise, este artigo apresenta, inicialmente, os fundamentos fenomenológicos que orientam a leitura steiniana da pessoa; em seguida, aprofunda o estudo do corpo, da psique e do espírito; depois, examina a unidade dinâmica entre as três dimensões e, por fim, discute as implicações dessa antropologia integral.

Metodologicamente, esse artigo consiste numa pesquisa qualitativa, de análise bibliográfica. Pretendendo fundamentar-se na leitura da obra “*A estrutura da pessoa humana*” de Edith Stein em diálogo com comentadores da antropologia steiniana.

2. Edith Stein e o horizonte fenomenológico da pessoa

Edith Stein é uma daquelas autoras cuja biografia se entrelaça profundamente com sua produção intelectual. Embora tenha seguido com rigor o método fenomenológico, uma breve incursão em sua trajetória de vida permite compreender melhor a estrutura e a densidade de sua obra.

Nascida em Breslau, território então pertencente à Alemanha, em 12 de outubro de 1891, Edith Stein foi a sétima filha de Siegfried Stein e Auguste Courant. A pertença judaica da família marcou sua formação com elementos culturais e religiosos fundamentais, ainda que Stein, na juventude, tenha se afastado da prática religiosa. Esse afastamento, contudo, não impediu que ela permanecesse, até o fim de sua vida, identificada como judia, condição que foi determinante em seu destino histórico, morrendo em Auschwitz (cf. Miribel, 2013).

A morte prematura do pai, quando Edith tinha apenas dois anos, fez com que ela testemunhasse de perto a força e a determinação de sua mãe, como relata em sua autobiografia (Stein, 2018), que assumiu inteiramente a responsabilidade pela educação dos filhos, e o cuidado com a empresa familiar. Graças ao intenso trabalho da mãe, todos tiveram acesso a uma formação sólida. Desde a infância, Stein se destacava pela inteligência e pela curiosidade intelectual. Já na juventude, ingressou na Universidade de Breslau, onde estudou Psicologia, Germanística e História. Apesar do bom desempenho acadêmico, sentia um profundo desconforto com o modo como o conhecimento era ali apresentado tanto no método quanto na compreensão da pessoa humana que subjaziam ao ensino.

Foi essa inquietação que a conduziu à obra de Edmund Husserl. Stein decidiu então partir para Gotinga a fim de integrar o círculo de estudos do novo mestre. Nesse ambiente intelectual efervescente, entrou em contato com algumas das mentes mais brilhantes da fenomenologia, entre elas Adolf Reinach, Max Scheler e Hedwig Conrad-Martius. Ali, estudo e vida se entrelaçavam, oferecendo a Stein não apenas formação teórica, mas também experiências humanas decisivas.

Subitamente revelou-se aos meus olhos um universo, até então desconhecido. Isto não me conduziu de imediato à fé, mas abriu-me um campo novo de fenômenos, que não era mais possível ignorar. Não foi em vão que aprendemos a rejeitar os ‘espantalhos’ e a receber todas as coisas sem preconceito. Assim os muros do racionalismo no qual fui criada caíram sem que eu o soubesse e de repente vi-me diante do mundo da fé no qual viviam as pessoas que eu respeitava e com as quais tinha contato diário (Miribel, 2013, p.57)

Esse estranhamento marcou o início da erosão de seu ateísmo. O ponto decisivo, no entanto, ocorreu durante uma estadia na casa dos amigos Hedwig Conrad-Martius e Theodor Conrad,

quando leu, em uma única noite, O Livro da Vida, de Santa Teresa de Jesus. A leitura exerceu sobre Stein um impacto profundo, levando-a à conversão ao catolicismo em 1922.

A assimilação da fé tornava-se, para Stein, cada vez mais existencial e filosófica. Após anos de maturação interior e dificuldades no ambiente acadêmico devido à ascensão do antissemitismo, ela ingressou, em 1933, no Carmelo de Colônia, onde assumiu o nome religioso de Irmã Teresa Benedita da Cruz. A partir daí, sua vida espiritual e sua reflexão filosófica tornaram-se ainda mais profundamente unificadas, revelando-se plenamente na densidade antropológica e metafísica de suas obras.

Professora Ales Bello percebe que essa abertura e conversão à fé representa também uma abertura ao pensamento de Santo Tomás de Aquino

Os setenta anos de Husserl foi a ocasião para uma primeira declaração oficial do novo curso de pesquisas empreendido por Edith Stein sob o impulso da sua conversão ao catolicismo; com o enfrentamento crítico entre Husserl e Tomás de Aquino de 1929 inicia o vasto projeto de uma investigação teórica sobre as questões de fundo da especulação filosófica que envolve o pensamento grego, o medieval e o contemporâneo. Como se trata de uma comparação teórica, é possível, segundo a autora, aceitar qualquer sugestão. Não se quer voltar ao passado, apesar de reconhecer-se a validade das propostas filosóficas da idade média, mas se quer procurar a verdade e a fenomenologia contribui profundamente para essa busca (Bello, 2025, pgs.125-126)

O encontro de Stein com a filosofia de Tomás de Aquino significou também uma abertura à metafísica clássica e a temas como o Ser, a Verdade e o Sentido. Isso marcou a singularidade do pensamento de Stein, a partir do momento em que ela teve a capacidade de colocar em diálogo a fenomenologia e a metafísica, propiciando um diálogo entre Husserl e Tomás de Aquino.

3. Fenomenologia

A fenomenologia, para Stein, não é apenas um modo de analisar percepções ou julgamentos, mas uma via para compreender o ser humano em sua existência inteira. Sua grande contribuição foi levar para a fenomenologia temas que faziam parte da experiência concreta, mas que ainda não haviam sido tematizados suficientemente: a corporeidade, a afetividade, o sofrimento, a liberdade, a individualidade e a abertura ao absoluto. Ales Bello nota que usando do método de Husserl² Stein

² Husserl nasceu no dia 8 de abril de 1859 como filho de uma família judaica em Prossnitz. De 1876 até 1882, ele estudou física, matemática, astronomia e filosofia, de início em Leipzig, em seguida em Berlim e, finalmente, em Viena, onde ele se doutorou no final de 1882 com um ensaio matemático. Sua atividade estava voltada para toda uma série de problemas de base epistemológicos e teórico-científicos que se sedimentaram e surgiram no primeiro volume de sua obra capital *As investigações lógicas*, lançada em 1900-01. Essa obra lhe valeu a contratação pela Universidade de Göttingen, onde ele lecionou entre 1901-1916. Sua próxima obra capital, que designa a sua assim

pode aprofundar temas que não foram desenvolvidos pelo seu mestre “sente de fato a urgência de enfrentar as questões metafísicas que o mestre não tinha ignorado, mas que não tinha tematizado pelo fato de que estava empenhado no aperfeiçoamento do método” (Bello, 2025, p.126).

Essa abertura fenomenológica também permite à antropologia steiniana integrar, sem contradição, aspectos que em outras filosofias aparecem como conflitantes como a imanência e transcendência, liberdade e condicionamento, afetividade e racionalidade, vulnerabilidade e responsabilidade. Essa integração prepara o terreno para a análise profunda das três dimensões constitutivas da pessoa humana.

Logo no início da obra Stein explica sobre a escolha do método e apresenta seus passos de desenvolvimento.

O método com o qual procurarei solucionar os problemas é o fenomenológico[...]. Não consultar as teorias sobre as coisas, mas considerar as coisas mesmas. Na medida do possível, tudo o que se escuta, se lê ou que foi construído, aproximar-se delas com um olhar sem preconceitos e captar pela intuição imediata. Se quisermos saber o que é o ser humano, devemos nos colocar do modo mais vivo possível na situação em que fazemos a experiência da existência humana, ou seja, do que experimentamos em nós mesmos e do que experimentamos no encontro com os outros. [...]O segundo princípio, de fato, reza: dirigir o olhar para o essencial. A intuição não é só a percepção sensível de uma coisa singular como ela está aqui e agora; é uma intuição daquilo que ela é de acordo com a sua essência; [...] (Stein, 2025, p. 48)

4. A Estrutura da pessoa humana como unidade de corpo, psique e espírito

Uma vez entendido o contexto de base da reflexão filosófica de Edith Stein passa-se agora à análise da obra que nos servirá de arcabouço para haurir a proposta apresentada pela filósofa. Mariana Bar Kusano recorda que a produção intelectual de Stein pode ser dividida em três momentos:

A primeira fase pode ser caracterizada como o período fenomenológico, que se estendeu desde sua tese de doutorado em Gottingen (1916) até sua conversão ao catolicismo em 1922; A segunda fase, que vai de 1922 a

chamada virada transcendental, surgiu em 1913 sob o título Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica I. Em 1916, Husserl foi chamado para ser professor em Freiburg, onde ele assumiu a cátedra de filosofia do neokantiano Heinrich Rickert. Nesses anos, Edith Stein e Martin Heidegger foram seus assistentes, e, graças ao seu trabalho de redação, pôde ser editada em 1928 as assim chamadas Lições sobre a consciência interna do tempo, que estão entre os mais famosos trabalhos de Husserl. (Zahavi, 2019, pgs. 117-118)

1938, sua passagem do Carmelo de colônia ao Carmelo de Echt na Holanda, concentra os estudos de carácter pedagógico-antropológico; e por fim, de 1938-1942, Edith produziu os escritos eminentemente místicos no próprio Carmelo de Echt (Kusano, 2014, pgs.20-21)

A Estrutura da pessoa humana antes de ser obra escrita foi um conjunto de conferências ministradas por Edith Stein entre 1932 e 1933 no Instituto de Pedagogia Científica de Munster, na região da Vestfália. “O título ficou traduzido como ‘estrutura’ da pessoa humana, mas a palavra alemã usada por Stein é ‘constituição’, pois o foco fundamental de suas aulas era compreender qual é a constituição do ser humano” (Sberga, 2021, p.337).

A obra pode ser delimitada dentro do campo da filosofia da educação, da antropologia filosófica e teológica e da metafísica, afinal, Stein entende que todas essas áreas do saber são interconectadas, de modo que não é possível elaborar uma filosofia da educação que prescindia de uma antropologia, e esta que não prescindia de uma metafísica.

Cada obra educativa, direcionada a “formar” seres humanos, é guiada por um determinado conceito de ser humano, da sua posição no mundo, das suas tarefas na vida, das possibilidades práticas de plasmá-lo e de “formá-lo”. A teoria da “formação” do homem, que indicamos com o termo de ciência da educação, é ligada organicamente a uma imagem geral do mundo, ou seja, a uma metafísica, e a ideia de ser humano é a parte da imagem geral do mundo à qual ela é conectada no modo mais imediato. (Stein, 2025, pgs. 17-18)

Daí resulta a pergunta de Edith sobre qual paradigma assumir para elaborar uma filosofia da educação. No início da obra são abordadas 4 perspectivas:

A primeira perspectiva analisada por Stein é a do idealismo alemão, em que a pessoa é compreendida como um ser livre, chamado à perfeição. A concepção aqui é de um ser humano imerso em uma jornada de aperfeiçoamento constante, cuja missão é alcançar um ideal de humanidade. Stein cita o pensamento idealista para ilustrar essa visão de que o ser humano é um membro de uma corrente universal, cujo progresso rumo à perfeição é uma tarefa histórica e coletiva. Para o idealismo, a educação deve ser orientada para a formação dessa humanidade ideal, e a pessoa é vista como parte de um processo de evolução contínua em direção a um fim transcendental. "Livre, chamado a perfeição (humanidade), é um membro na corrente de todo o gênero humano, que se aproxima progressivamente ao ideal de perfeição." (Stein, 2025, p. 19)

A segunda perspectiva abordada é a da psicologia profunda, que marca uma ruptura com a concepção idealista, colocando o foco na psique e nos processos internos do indivíduo. Stein observa que, ao adotar essa visão, o intelecto e a vontade livre soberana perdem centralidade, sendo substituídos por um desprezo pelas finalidades objetivas, que são conhecíveis e alcançáveis pela vontade. Nesse novo entendimento, a pessoa humana é vista mais como um campo de forças pulsionais e instintivas, onde a racionalidade e a liberdade da vontade são deslocadas. A educação,

sob essa ótica, deve lidar com essas forças internas e seu impacto sobre a formação do indivíduo, desafiando o modelo mais racionalista e volitivo das correntes filosóficas anteriores. "Torna-se claro nessa nova concepção do ser humano, o destronamento do intelecto e da vontade livre soberana, desaparecendo uma orientação a uma finalidade objetiva, que se possa conhecer e que a vontade possa alcançar." (Stein, 2025, p. 21)

A terceira perspectiva discutida por Stein é a de Martin Heidegger, que apresentou uma visão radicalmente diferente da pessoa humana. Heidegger vê o ser humano como sendo livre apenas na medida em que pode e deve tomar decisões acerca de seu próprio ser, indo além das construções sociais ou lógicas de educação. Para Heidegger, o ser humano é livre ao escolher a verdade de seu ser, porém, essa liberdade é marcada por uma angústia existencial. Não há nenhum outro fim ou finalidade superior que a pessoa deva alcançar além de ser fiel a si mesma e persistir no "nada" que constitui sua existência. A educação, nessa perspectiva, não tem um fim moral ou ético superior, mas sim o de permitir que o ser humano se encontre com sua própria existência e autenticidade. A liberdade, então, é entendida como a capacidade de decidir em relação ao próprio ser. "A vida profunda da qual fala Heidegger é uma vida espiritual. O ser humano é livre enquanto pode e deve decidir-se pelo verdadeiro ser. Para ele, porém, não há nenhuma outra finalidade além de ser a si mesmo e persistir no nada no qual é constituído o seu ser." (Stein, 2025, p. 23)

Por fim, Stein aborda a antropologia cristã e propõe que essa seja uma síntese daquilo de bom presente nas três já apresentadas:

Resumindo podemos dizer que do ponto de vista da antropologia cristã, a imagem proposta pelo ideal humanista se revela como imagem do ser humano íntegro, do ser humano antes da queda; a sua origem e o seu objetivo, todavia não são considerados, e o fato do pecado original é removido. A imagem do ser humano da psicologia do profundo é a imagem do ser humano decaído, considerado igualmente em modo estático e a-histórico: o seu passado e as suas possibilidades futuras, o fato da redenção são ignorados. A filosofia existencial nos mostra o ser humano na finitude e na nulidade do seu estar aqui. Ela fixa aquilo que ele não é e por isso é apartada daquilo que nele é positivo, e do Absoluto que emerge por trás deste ser limitado. (Stein, 2025, p.28)

Antes de, pôr fim, adentrarmos a estrutura tripartida vale colocar aqui um trecho do prefácio da obra de Lima Vaz realçando a importância da antropologia

Desde os primórdios da humanidade, uma tarefa sempre se impôs ao ser humano: conhecer-se a si mesmo. A interpretação que fazemos de nós mesmos, enquanto seres singulares e enquanto seres humanos, está presente em todas as sociedades e em todos os tempos. está interrogação faz parte daquelas interrogações fundamentais que coroam toda a nossa

busca por conhecimento, na simples e profunda questão: ‘o que é o homem?’ (Vaz, 2020, p.11)

5. Corporeidade e experiencialidade da pessoa

Edith Stein começa sua análise pela materialidade do ser humano, identificando-o como um ser material, mas que, ao contrário de objetos inanimados como pedras, é vivo e capaz de movimento próprio. Esse movimento, ou seja, a capacidade de se mover, distingue os seres humanos e os animais dos objetos inanimados, mas, até esse ponto, os humanos ainda compartilham semelhanças com os animais. Stein, no entanto, propõe que, com os seres humanos, há algo mais, o que chama de uma relação espiritual. Ela afirma que “com o ser humano, ao contrário, desde o início estamos em uma relação de troca de pensamentos, em uma relação espiritual” (Stein, 2025, p. 51). Isso significa que o ser humano, ao contrário de outros seres vivos, é um ser dotado de interioridade, capaz de pensar e se relacionar espiritualmente com o mundo e com os outros.

A partir dessa distinção fundamental, Stein introduz a ideia de que a pessoa humana é composta de corpo, alma e espírito. O corpo é material, a alma é o princípio de movimento, e o espírito é o princípio da interioridade, da capacidade reflexiva e transcendental. Para aprofundar essa reflexão, Stein recorre aos conceitos de Tomás de Aquino e Aristóteles.

De acordo com Tomás de Aquino e Aristóteles, o corpo humano não é apenas uma massa material sem direção, mas é composto de uma forma interior que guia o processo de formação do organismo. Stein cita que “A ‘forma’ interior, como qualifica o todo, é algo de qualitativamente determinado: uma espécie, é, ao mesmo tempo, a força vital que opera no processo de formação. Opera dando ‘forma’ a um material (stoff), a uma matéria (materie)” (STEIN, 2025, p. 63). A forma interior, seja entendida como a alma ou a entelúquia, é a força vital que guia a matéria e a estrutura do organismo, conferindo-lhe uma identidade única e uma função específica, o que permite o desenvolvimento e a organização do corpo.

Stein vai ainda mais longe ao reconhecer uma hierarquia natural que existe entre as diversas formas de ser: coisas materiais, plantas, animais, seres humanos e puros espíritos. Ela observa que, embora cada nível superior tenha suas características distintas, ele sempre conserva algo dos níveis inferiores. Por exemplo, o corpo humano, sendo um organismo complexo, compartilha aspectos do corpo animal e vegetal, mas com uma diferença crucial: a capacidade de interioridade espiritual, que só é plenamente realizada no ser humano. Esse espírito é o que permite ao homem ir além da mera funcionalidade biológica e adquirir uma liberdade reflexiva e ética.

Também aborda como o corpo humano é vivente, ou seja, é um corpo que não é apenas físico, mas também dotado de princípio vital. A autora descreve que “o corpo físico (Körper) é o suporte de nossas ações, da nossa vida, e não está separado da nossa alma, a não ser após a morte, da qual não temos experiência direta. O corpo que vive (Leib) é formado por um princípio vivo e vital que

é a alma” (Rosa; Silva. 2015, pgs. 95-96) Essa afirmação aponta para a unidade entre o corpo e a alma, que são inseparáveis enquanto a pessoa está viva.

Sberga corrobora essa ideia, afirmando que o corpo não pode ser reduzido a sua materialidade física, mas deve ser compreendido também como um “corpo vivente pessoal, no qual vive um eu” (Sberga, 2021, p. 403). Para Stein, o corpo vivente é mais do que a soma de órgãos e tecidos, ele é o local da experiência. O ser humano sente, vê, ouve e experimenta o mundo através de seu corpo. O corpo, então, se torna uma ponte entre o mundo externo e a experiência interior, permitindo ao ser humano se relacionar com o mundo e se distanciar para refletir sobre ele.

“As sensações oferecem um papel fundamental, pois é delas que se pode alcançar a consciência de um corpo vivo” (Kusano, 2023, p. 71). As sensações são fundamentais para a percepção do corpo, pois permitem que o sujeito se dê conta de si mesmo enquanto ser vivente e experiencial. Stein ilustra isso com um exemplo simples, mas profundo: ao fechar os olhos, a pessoa pode perceber seu corpo em relação ao ambiente, como o toque da cadeira, a sensação de frio ou o limite entre o corpo e o mundo externo. Bello descreve esse processo de forma clara: “Para compreender isso, façamos a experiência de fechar os olhos. Percebemos que estamos sentados em uma cadeira; sinto algo que é meu e algo que não é meu, existe um limite percebido pela sensação do tato; há o limite entre a cadeira e o corpo. Também percebo que há outro limite com o corpo: o chão” (Bello, 2015, p. 80).

Essa vivência sensorial, que Stein explora em sua análise, não é apenas uma experiência física, mas também uma experiência de consciência. O corpo se torna o meio através do qual o “eu” se percebe e se reconhece no mundo. O “eu” sente, mas também observa a si mesmo, conseguindo, por meio dessa percepção, distanciar-se do corpo para refletir sobre ele.

6. A psique como centro afetivo e dinâmico da personalidade

Nesse caminho de Edith para demonstrar de que modo o ser humano é possuidor das dimensões corpo, psique e espírito. Em um primeiro momento ele segue a análise na linha que a fez entender que o ser humano não é apenas matéria e sim organismo:

A forma vital, a alma faz do corpo um organismo [...] o ser humano é tudo o que é em virtude de uma forma interior; em virtude de sua alma humana, que é uma alma racional e por isso diferente daquela das plantas e dos animais, mas contém em si, como parte inferior, o que é próprio destes últimos (Sberga, 2021, p.383)

Desse modo, a pergunta que se faz é acerca de como essa alma “funciona”, ou como é constituída? Para isso nos ajuda Adair: “A alma (seele), se divide em uma parte mais propriamente psíquica e uma mais espiritual que se pode denominar Geist” (Sberga, 2021, p.382), aqui se radica o ponto essencial do humano, sua alma é diferente daquela que possuem os animais e as plantas,

ainda que traga em si características em comum a esses dois os supera em algo novo, a capacidade de interioridade:

A alma humana revela-se em contraste com os animais, capaz de sair de si mesma e penetrar no interior das coisas e de outros sujeitos e, da mesma forma que está aberta ao mundo, ela pode voltar-se sobre si mesma e captar sua própria interioridade. Essa característica é a marca da alma espiritual no homem, que faz dele uma pessoa livre e espiritual, distinta de todos os seres da natureza (Kusano, 2014, p.82)

Essa vida interior que começa a aparecer é chamado por Edith de alma da alma:

É a alma que vive em todos os atos espirituais e a sua vida interior é uma vida espiritual [...] a ‘alma da alma’ é uma realidade espiritual, e a alma como uma totalidade é um ser espiritual, cuja característica é aquela de ter uma interioridade, no centro, da qual ela deve sair para encontrar os objetos e à ela restitui quando recebe, do exterior, um centro ao qual pode doar a si mesma também para o exterior. Aqui encontramos o centro da existência humana (Sberga, 2021, p.390)

“Para Edith Stein a alma é o núcleo do ser, está presente em todo ser que traz em si a potencialidade de autoformação” (Santana, 2023, p.82) Podemos então dizer que a alma é aquilo que dá forma ao corpo, que transforma a matéria em organismo, que o direciona para um fim e o abre para uma vida interior, contudo esse último ponto não é presente nas plantas, de modo bastante simples em alguns animais e de modo muito próprio na pessoa humana por meio das faculdades da alma: razão, intelecto e vontade. Esse aspecto da psique, diferente do aspecto espiritual, não é marcado pela liberdade e sim pelos instintos, sendo uma de suas marcas ser reativo.

A psique ocupa, portanto, um lugar intermediário na constituição da pessoa humana, situando-se entre a dimensão corporal e a espiritual. Ela corresponde ao âmbito da vida interior no qual se manifestam estados afetivos, impulsos e disposições emocionais que emergem da interação entre o corpo e o mundo circundante. (Maslowski, 2026. p.11)

7. O espírito como sede da liberdade, da consciência e da transcendência

Na antropologia filosófica de Edith Stein, o espírito (Geist) ocupa um lugar central na compreensão da pessoa humana, pois é nele que se radicam a liberdade, a responsabilidade e a abertura à transcendência. Embora corpo e psique sejam dimensões constitutivas da pessoa, é no espírito que o ser humano se torna plenamente pessoa, isto é, sujeito consciente de si, capaz de autodeterminação e de orientação ética da própria vida.

O ser humano pode e deve formar-se a si mesmo; (...) ele é um ser que diz 'eu'; nenhum animal pode fazê-lo; olho nos olhos de um animal e vejo algo que me olha; vejo um interior na sua alma, uma alma que dá atenção ao meu olhar e à minha presença, mas é uma alma muda e prisioneira, aprisionada em si, incapaz de ir além de si mesma e compreender-se, incapaz de sair de si mesma e unir-se a mim; olho nos olhos de um ser humano e o seu olhar me responde, deixa-me entrar na sua interioridade ou me afasta; é senhor de sua alma e pode abrir ou fechar as portas; (...) espiritualidade pessoal significa vigilância e abertura; não só existo, não só vivo, mas tenho consciência do meu existir e do meu viver; e tudo isso em um único ato; (...) a vida espiritual é também um saber originário a respeito do outro, é ser nas outras coisas, ver dentro de um mundo que está diante da pessoa; a consciência de si é abertura para a interioridade, a consciência do outro é abertura para o exterior; eis uma primeira interpretação da espiritualidade. (Stein, 2025, p.118)

O espírito não deve ser compreendido como uma substância separada ou como uma realidade abstrata desligada da vida concreta. Pelo contrário, Stein insiste que o espírito se manifesta sempre encarnado e situado, atuando a partir da interioridade da pessoa. Ele é o princípio que permite ao ser humano distanciar-se de seus estados afetivos, de seus impulsos e condicionamentos naturais, assumindo uma postura reflexiva diante de si mesmo e do mundo. Essa capacidade de distanciamento não implica negação da corporeidade ou da vida psíquica, mas sua integração consciente em um horizonte mais amplo de sentido. “A alma do homem é o vínculo que une o corpo ao espírito, participando tanto da vida sensível, quanto da vida espiritual. O homem não é animal, nem anjo. Em sua sensibilidade não coincide com o animal nem em sua espiritualidade com o anjo” (Sberga, 2014, p. 59)

Enquanto a psique é marcada por estados afetivos, disposições e reações que se impõem ao sujeito, o espírito caracteriza-se pela possibilidade de decisão livre. É no âmbito espiritual que o ser humano pode acolher, julgar ou rejeitar os conteúdos que emergem da vida psíquica, orientando suas ações segundo valores reconhecidos como válidos. Dessa forma, o espírito introduz na estrutura da pessoa a dimensão da responsabilidade, tornando o agir humano algo mais do que uma simples resposta a estímulos internos ou externos.

A alma é o espaço no centro daquela totalidade composta pelo corpo, pela psique e pelo espírito; enquanto alma sensível, habita o corpo, em todos os seus membros e partes, é fecundada por ele e age dando-lhe forma e conservando-o; enquanto alma espiritual eleva-se para além de si, observa o mundo colocado fora do próprio Eu-um mundo de coisas, pessoas, acontecimentos- entra em contato inteligentemente com ele e é por ele fecundada. (Stein, 1994, p.388)

Stein afirma que a vida espiritual se expressa fundamentalmente por meio de atos espirituais, como o conhecer, o querer e o amar. Esses atos não se reduzem a processos psicológicos, pois implicam intencionalidade consciente e orientação para valores. O conhecimento espiritual não é mera recepção passiva de dados, mas uma apreensão significativa da realidade; a vontade espiritual não é simples impulso, mas escolha deliberada; e o amor, em seu sentido mais pleno, não é apenas afeto, mas doação consciente de si ao outro. Por meio desses atos, o espírito revela-se como núcleo vivo da pessoa.

Nesse sentido, o espírito fundamenta não apenas a liberdade individual, mas também a dimensão ética da existência humana. A possibilidade de reconhecer valores, de responder por suas ações e de orientar a própria vida segundo fins livremente assumidos depende diretamente da vida espiritual. A pessoa humana, enquanto ser espiritual, não está condenada a repetir padrões ou a submeter-se passivamente a condicionamentos, mas é chamada a um processo contínuo de formação de si mesma, no qual liberdade e responsabilidade caminham juntas.

Por fim, a compreensão steiniana do espírito permite superar visões reducionistas que identificam o humano exclusivamente com processos biológicos ou psicológicos. Ao reconhecer o espírito como dimensão constitutiva da pessoa, Stein oferece uma antropologia capaz de explicar a singularidade do ser humano, sua dignidade e sua abertura ao sentido último da existência. O espírito, assim, não se apresenta como um acréscimo secundário à estrutura da pessoa, mas como o princípio que unifica, orienta e dá sentido à totalidade da vida humana.

Através das vivências analisadas pelo método fenomenológico, Stein chega a caracterizar o ser humano e diz que este possui uma estrutura formada por corpo, psique e espírito. O corpo possui um organismo semelhante ao do ser animal; a psique revela seus instintos, suas reações, seus desejos e impulsos; e o espírito, concebido como alma da alma, núcleo interior da pessoa, retrata seu intelecto, vontade e razão. Na unidade entre corpo e psique se forma o corpo vivente (*leib*), onde se localiza a força vital sensível, a força física. Na unidade entre a psique e o espírito está a alma, mas a “alma da alma” está no espírito, na parte mais profunda da pessoa, onde reside sua força espiritual, sua motivação, sua liberdade e seu querer agir em vista do bem e da verdade. (Sberga, 2014, pgs. 124-125)

Nas palavras da professora Magna Rocha, “[...] é o espírito, que retrata seu intelecto, vontade e razão. São esses elementos que diferenciam os seres humanos de outros animais. A atividade espiritual, portanto, permite ao ser humano ter acesso à sua própria interioridade e se tornar livre para agir com autonomia”. (Rocha, 2021, p.75)

8. Conclusão

Ao longo deste artigo, buscou-se analisar a estrutura tripartida da pessoa humana, corpo, psique e espírito, tal como elaborada por Edith Stein na obra *A Estrutura da Pessoa Humana*, evidenciando

seu caráter fenomenológico e integral. Longe de propor um modelo antropológico abstrato ou meramente teórico, Stein desenvolve sua compreensão da pessoa a partir da descrição rigorosa da experiência vivida, respeitando a complexidade constitutiva do ser humano em suas múltiplas dimensões.

A análise dos fundamentos fenomenológicos mostrou que a antropologia steiniana nasce de uma ampliação criativa do método husserliano. Ao incorporar a corporeidade, a afetividade e a liberdade como dimensões essenciais da pessoa, Stein supera tanto os reducionismos materialistas quanto os psicologistas e espiritualistas, oferecendo uma visão integrada do humano. O corpo, longe de ser mera materialidade, aparece como corpo vivido (leib) e expressivo, a psique, como centro afetivo dinâmico que media a relação entre mundo e interioridade, e o espírito, como sede da liberdade, da responsabilidade e da abertura à transcendência.

Ao dialogar criticamente com o idealismo alemão, a psicologia profunda e a filosofia existencial, Stein reconhece os elementos de verdade presentes em cada uma dessas perspectivas, mas demonstra suas insuficiências quando tomadas isoladamente. A antropologia cristã, tal como por ela compreendida, não elimina essas contribuições, mas as integra em uma visão mais ampla, capaz de considerar simultaneamente a finitude, a historicidade, a liberdade e a orientação do ser humano para o absoluto.

A estrutura tripartida não deve ser entendida como uma justaposição de partes, mas como uma unidade dinâmica, na qual corpo, psique e espírito se interpenetram e se co-determinam. Essa compreensão permite pensar a pessoa humana como um ser em processo, dotado de interioridade, capaz de autoformação e responsável por suas decisões. Nesse sentido, a antropologia steiniana revela-se particularmente fecunda para reflexões no campo da ética, da educação, da psicologia e da formação integral da pessoa, ao oferecer critérios para compreender o desenvolvimento humano para além de abordagens fragmentárias.

Por fim, pode-se afirmar que a proposta antropológica de Edith Stein permanece atual e relevante no contexto contemporâneo, marcado por tensões entre reducionismos biológicos, subjetivismos afetivos e negações da transcendência. Sua concepção integral da pessoa humana contribui para resgatar a dignidade do humano em sua totalidade, mostrando que compreender o ser humano exige reconhecer simultaneamente sua corporeidade, sua vida afetiva e sua liberdade espiritual. A estrutura tripartida, assim, não apenas ilumina a constituição da pessoa, mas também oferece fundamentos sólidos para uma concepção de formação verdadeiramente humana.

Referências

Livros

ALES BELLO, Angela. **O sentido do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2014.

ALES BELLO, Angela. **Nas raízes da fenomenologia**: introdução à fenomenologia de Edmund Husserl, Edith Stein e Hedwig Conrad-Martius. Tradução de Ademir Menin, Cleiton Santana e Márcio Luiz Fernandes. São Paulo: Ideias & Letras, 2025.

KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

MIRIBEL, Elisabeth de. **Edith Stein**: como ouro purificado pelo fogo. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013.

ROCHA, Magna Celi Mendes da. **Edith Stein para educadores**: formação integral em tempos de fragmentação. Curitiba: Appris, 2021.

SANTANA, Luiz. **Edith Stein**: a construção do ser pessoa humana. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein**: um percurso de conhecimento do núcleo interior. São Paulo: Paulus Editora, 2014.

SBERGA, Adair Aparecida. **Fundamentos da antropologia filosófica e pedagógica de Edith Stein**: guia para o estudo de conceitos das obras da trilogia fenomenológica e da obra A estrutura da pessoa humana. São Paulo: Paulus, 2021.

STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Tradução: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018.

STEIN, Edith. **A estrutura da pessoa humana**. Trad. Marco Antônio Casanova. Belo Horizonte: Cântico, 2025.

STEIN, Edith. **Ser Finito y Ser Eterno**: Ensayo de una Ascencion al Sentido del Ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1994, p.388.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

ZAHAVI, Dan. **Fenomenologia para iniciantes**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

Artigos de periódico científico

MASLOWSKI, Adriano André. **A pessoa humana como unidade de corpo, psique e espírito: uma leitura filosófico-fenomenológica de Edith Stein**. *Dikaion, Cultura y Sociedad*, v. 23, n. 88, 2026. DOI: [10.54899/dcs.v23i88.5006](https://doi.org/10.54899/dcs.v23i88.5006).

ROSA, Gabriel Mauro da Silva; SILVA, Edmar José da. **A pessoa humana no pensamento de Edith Stein**. *Crátulo*, Patos de Minas, v. 8, n. 2, p. 90-101, dez. 2015. ISSN 1984-0705.

